



Iniciadas as obras do Estaleiro e da Base Naval de Submarinos



Operação “Atlântico II”: protegendo
nossas riquezas na “Amazônia Azul”
p.4

24ª Conferência Naval
Interamericana
p.18

CTMSP: pesquisa e desenvolvimento
na área nuclear
p.27



NAVIO DE ASSISTÊNCIA HOSPITALAR "SOARES DE MEIRELLES" APOIO DE SAÚDE PARA AS POPULAÇÕES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA

Incorporado à Armada
em 23 de novembro de 2010



MARINHA DO BRASIL
Protegendo Nossas Águas
www.mar.mil.br



Chegamos ao final de 2010 com a publicação de mais uma edição da **Marinha em Revista**. Posso dizer que tivemos um ano com muitos êxitos em todas as áreas envolvidas. Várias atividades foram abordadas nesse periódico, mostrando a participação da Marinha do Brasil em diversos eventos distribuídos por todo o País, destacando, em todos eles, o entusiasmo e a dedicação de nossos militares e servidores civis.

Na edição atual, abordamos, na editoria capa, o início da construção do Estaleiro e da Base Naval de Submarinos, na cidade de Itaguaí, no Rio de Janeiro, como parte do Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB). Trata-se de um importantíssimo passo para se alcançar, com pleno êxito, a capacitação para a construção de submarinos movidos à energia nuclear. Gostaria de ressaltar que a posse, pelo Brasil, de um Submarino de Propulsão Nuclear, significará o fortalecimento de nossa capacidade dissuasória. Sua construção é estratégica para o Brasil, que permanecerá com a tradição de ser um País pacífico, disposto a colaborar com seus parceiros, porém capaz de garantir sua defesa.

Apresentamos aos leitores, também, as atividades do Centro Tecnológico da Marinha em São Paulo (CTMSP); a 24ª Conferência Naval Interamericana, realizada no Rio de Janeiro; as Operações “Atlântico” e “Formosa”; a participação da Marinha do Brasil no Círio de Nazaré; e uma reportagem sobre Medicina Hiperbárica; entre outras.

Ano que vem, teremos diversos eventos representativos, destacando-se, entre eles, os 5º Jogos Mundiais Militares, a serem realizados na cidade do Rio de Janeiro. A participação da Marinha do Brasil nesse grandioso evento - os Jogos da Paz -, também é apresentada nessa edição, com uma entrevista com duas militares-atletas de destaque nacional e internacional.

Dessa forma, é tempo de comemorar, com orgulho, tudo o que foi conquistado em 2010 e de renovar o entusiasmo, para que se possa dar continuidade ao processo de aperfeiçoamento da Instituição, em todas as áreas, a fim de torná-la, crescentemente, mais preparada para a defesa dos interesses do Estado brasileiro em suas Águas Jurisdicionais. Uma boa leitura a todos!

Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto
Comandante da Marinha

Marinha em Revista é um periódico da Marinha do Brasil, elaborado pelo Centro de Comunicação Social da Marinha.

Comandante da Marinha
Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto

Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha
Contra-Almirante Paulo Mauricio Farias Alves

Vice-Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Mar-e-Guerra Eduardo Machado Vazquez

Assessor de Produção e Divulgação do
Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Fragata Rogerio da Rocha Carneiro Bastos

Assessor-Adjunto de Produção do
Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Fragata Nilo Gonçalves de Souza

Jornalista responsável
Capitão-Tenente (T) Felipe Picco Paes Leme

Organização do material editorial
Capitão-Tenente (T) Felipe Picco Paes Leme
Segundo-Tenente (RM2-T) Juliana Echeverria

Revisão
Capitão-de-Fragata Rogerio da Rocha Carneiro Bastos

Projeto editorial
Centro de Comunicação Social da Marinha

TDA Brasil
www.tdabrasil.com.br
Edição: **Célia Ladeira**
Projeto gráfico e direção de arte: **João Filipe de Souza Campello**
Diagramação: **Rael Lamarques**



Fotografias
Arquivos da Marinha do Brasil e colaboradores

Foto da capa
Suboficial (CN) Edson Tenório Silva

Tiragem
30.000 exemplares

Centro de Comunicação Social da Marinha
Esplanada dos Ministérios, Bl. N, Anexo A, 3º andar
Brasília • DF • CEP 70055-900
Telefone (61) 3429-1040
Brasília, dezembro de 2010.
www.mar.mil.br
faleconosco@ccsm.mar.mil.br



INICIADAS AS OBRAS DO ESTALEIRO E DA BASE NAVAL DE SUBMARINOS

22

Operações

Operação “Atlântico II”:
protegendo nossas riquezas
na “Amazônia Azul” 4

Fuzileiros Navais

Fuzileiros Navais desembarcam
no Planalto Central 9

Eventos

Sejam todos bem-vindos
à grande festa do
Círio de Nazaré! 14

Internacional

24ª Conferência Naval
Interamericana 18

Tecnologia

CTMSP: pesquisa e
desenvolvimento
na área nuclear 27

Medicina

Medicina de Submarino
e Escafandria: a Marinha
na vanguarda mundial 31

Gente de Bordo

Segundo-Sargento (OS)
José Josimar Silva Sousa 34

Esportes

O importante é competir! 35

Entrevista

Tatiana Lemos e
Fernanda Alvarenga 38

Artigo

Assistência Social na Marinha 41

História Naval

Vida de Herói 42



Operação “Atlântico II”: protegendo nossas riquezas na “Amazônia Azul”

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Juliana Amaral Rodrigues e
Primeiro-Tenente (RM2-T) Karla Nayra Fernandes Pereira
Fotos: Suboficial (CN) Edson Tenório Silva e
Primeiro-Sargento (ET) Marcelo Faria Porto

Arquipélagos de Fernando de Noronha e de São Pedro e São Paulo, imediatamente, nos remetem ao lazer, diversão, belezas naturais e pesquisa científica. No entanto, aos olhos das Forças Armadas Brasileiras, a visão é de um cenário estratégico, no qual os arquipélagos são partes integrantes de nossa “Amazônia Azul”, de extrema importância econômica para o País, que precisam ser protegidos.

A Operação “Atlântico II”, uma das maiores operações conjuntas de adestramento militar já realizada no Brasil, uniu Marinha, Exército e Força Aérea, entre os dias 19 e 30 de julho de 2010, e contou com a participação de 10 mil militares. Realizada no litoral dos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo



e São Paulo, e nos Arquipélagos de Fernando de Noronha e de São Pedro e São Paulo, a operação foi coordenada pelo Ministério da Defesa e comandada pelo Comandante de Operações Navais.

A Marinha empregou mais de 30 meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais.

“Simulamos situações reais de ataque e defesa numa região de extrema importância econômica para o Brasil, por concentrar recursos naturais, como a pesca e a infraestrutura do petróleo, além de uma parcela significativa da estrutura portuária, da indústria naval e da Marinha Mercante”, destacou o Comandante da 2ª Divisão da Esquadra, Contra-Almirante Luiz Henrique Caroli, responsável pelas Forças Navais que atuaram no litoral Sudeste durante a operação.

Para o Comandante da 1ª Divisão da Esquadra, Contra-Almirante Edlander Santos, que comandou as Forças Navais no Teatro de Operações do litoral nordestino, a operação não deve ser vista apenas como um adiestramento. “Um exercício dessa magnitude, envolvendo um significativo número de meios e militares, demonstra, por si só, a capacidade do País em empregar suas Forças Armadas e isso se reflete no poder de dissuasão do Estado Brasileiro”, afirmou.

EXERCÍCIOS

Exercícios desse tipo, com simulação de conflitos, são realizados, rotineiramente, para manter os militares treinados e prontos para uma eventual necessidade. Além de promover a dissuasão, são essenciais para a manutenção do grau de prontidão das unidades envolvidas, sejam elas navais, de fuzileiros navais ou aeronavais.

Na Operação Anfíbia realizada em Fernando de Noronha, o Navio de Desembarque de Carros de Combate (NDCC) “Almirante Saboia” transportou uma unidade de Fuzileiros Navais com destino ao arquipélago, empregando suas lanchas para o desembarque do pessoal e helicópteros para transportar o material pesado

(viaturas). Os Fuzileiros Navais garantiram a segurança do aeroporto, bem como das instalações críticas (geração de energia e fornecimento de água potável).

Exercícios anfíbios também foram realizados nos litorais do Espírito Santo e do Rio de Janeiro, a partir do NDCC “Mattoso Maia”, que transportou e desembarcou, nas proximidades do litoral capixaba, os Carros Lagarta-Anfíbios (CLAnf). “Os CLAnf desembarcam do navio, quando este ainda se encontra no mar, e navegam até a praia. A partir da areia, suas esteiras, conhecidas como ‘lagartas’, passam a ser empregadas no deslocamento em terra”, esclareceu o Segundo-Tenente (FN) Leonan Teixeira da Silva Reis, do Batalhão de Viaturas Anfíbias.

Em Itaoca (ES), o NDCC “Mattoso Maia” abicou na praia, possibilitando o desembarque de tropas e meios de Fuzileiros Navais. “Além de permitir o desembarque dos veículos anfíbios pela popa, o navio possui a capacidade de abicar na praia, disparando uma rampa que permite o embarque e desembarque de viaturas e tropas”, acrescentou.

Outro exercício de destaque foi a simulação da retomada de uma

“A região litorânea onde foram realizados os exercícios está próxima das plataformas de exploração de petróleo e é de fundamental importância para o País”.
Comandante-em-Chefe da Esquadra, Vice-Almirante Eduardo Monteiro Lopes



Elementos do GruMeC realizam exercício na Plataforma P-43



plataforma. Componentes do Grupamento de Mergulhadores de Combate (GruMeC) - Grupo Especial da Força -, se infiltraram na Plataforma de Petróleo P-43, da Petrobras, na Bacia de Campos, com a missão de retomar o local, dominado por elementos adversos, e resgatar os reféns com vida. O adestramento foi

apoiado por dois helicópteros UH-14 “Super Puma”, da Marinha.

Enquanto uma das aeronaves efetuava o lançamento dos militares até o heliponto, a outra era responsável pela cobertura e proteção, no momento da descida, por *fast rope* - método de descida de militares por um cabo fixado na aeronave. Em

seguida, os mergulhadores iniciaram a busca pelos elementos hostis e pelos reféns, até encontrá-los dois conveses abaixo do heliponto da plataforma. “Nossas operações acontecem em ambientes de risco elevado. Empregamos táticas e equipamentos não convencionais, além do uso de diversos tipos de armamentos”,

destacou o Comandante do Gru-MeC, Capitão-de-Fragata Carlos Eduardo Horta Arentz.

BALANÇO DA OPERAÇÃO

“A região litorânea onde foram realizados os exercícios está próxima das plataformas de exploração de petróleo e é de fundamental importância para o País. Por esse motivo, as Forças Armadas têm que estar preparadas para defendê-la”. A afirmação é do Comandante-em-Chefe da Esquadra, Vice-Almirante Eduardo Monteiro Lopes. “Para defendermos nossas riquezas na ‘Amazônia Azul’ é preciso estarmos adestrados. Esse treinamento é feito em simuladores, em terra, e depois colocados em prática, no mar e em terra”, complementou.

“O exercício contribuiu para que as três Forças conhecessem melhor suas necessidades diante da tarefa de defender os recursos naturais existentes nas Águas Jurisdicionais Brasileiras”, afirmou o Chefe do Estado-Maior da Esquadra,



Fragata “Constituição” (F42) e Fragata “Bosisio” (F48) durante a “Atlântico II”

Contra-Almirante Alipio Jorge Rodrigues da Silva. “O petróleo, por exemplo, não é somente um recurso fundamental para o crescimento econômico do País, mas também para o desenvolvimento social da nossa população”. E concluiu que

“ganhou a Marinha, realizando seu treinamento, mas ganhou principalmente a população e o Estado Brasileiro. Foi possível confirmar que as Forças Armadas estão realmente preparadas para assegurar a soberania do País e contribuir



NDCC “Mattoso Maia” (G28) abica em Itaoça (ES)

para o desenvolvimento econômico e social”.

“O grande resultado desta importante Operação Conjunta foi a identificação das necessidades das três Forças Armadas para fazer frente a um Teatro de Operações de grandes proporções, com ações simultâneas nas regiões marítimas do Nordeste - na defesa da pesca na região do Arquipélago de São Pedro e São Paulo e na proteção de Fernando de Noronha -, e do Sudeste, na defesa da Baía de Campos. Isso somente foi possível pela decisão do Comandante de Operações Navais de realizar a ‘Operação Atlântico II’ dentro de um cenário totalmente real”, afirmou o Subchefe de Operações do Comando de Operações Navais, Contra-Almirante Paulo Ricardo Médici, acrescentando que “a operação foi coroada de êxitos, uma vez que mostrou que o adestramento e a interoperabilidade entre as Forças encontra-se em um nível elevado e, embora o Brasil não esteja sujeito, no momento, a ameaças externas, podemos ter a certeza de que estamos nos preparando adequadamente para desencorajar quaisquer ações lesivas aos interesses nacionais, em especial as riquezas existentes em nossa ‘Amazônia Azul’”.

Como perspectiva para as operações futuras, o Contra-Almirante Médici comentou que a Operação “Atlântico III”, que está prevista para 2012, certamente trará mais novidades em prol do aprimoramento das ações e do adestramento dos meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais, e será realizada com os mesmos cenários reais e buscando o ineditismo de algumas ações que foram o grande destaque da operação em 2010.



NDCC “Almirante Saboia” (G25) nas proximidades de Fernando de Noronha


NÃO SÓ ESTRATÉGICA, MAS SOCIAL

Durante a “Atlântico II”, os militares da Marinha não só se adestraram, mas executaram Ações Cívico-Sociais (ACISO). Por onde os navios e os Fuzileiros Navais passavam,

“A operação foi coroada de êxitos, uma vez que mostrou que o adestramento e a interoperabilidade entre as Forças encontra-se em um nível elevado”.

Subchefe de Operações do Comando de Operações Navais, Contra-Almirante Paulo Ricardo Médici

eram realizadas ACISO, em que eram prestados, à comunidade local, serviços de assistência médica e odontológica, ministradas palestras sobre primeiros socorros, doação de roupas à organizações não governamentais e reforma de escolas.

Alunos de jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) participaram como convidados e aproveitaram para exercitar o lado prático da profissão. Eles visitaram o NDCC “Mattoso Maia”, primeiro no Rio de Janeiro, e depois, em Itaoca, com o propósito de produzir matérias impressas e televisivas para fins acadêmicos. Em contrapartida, produziam, também, matérias jornalísticas para o site da operação 

Fuzileiros Navais desembarcam no Planalto Central

Marinha do Brasil realiza treinamento militar na cidade de Formosa, em Goiás

Por Capitão-Tenente (T) Felipe Picco Paes Leme e
Primeiro-Tenente (RM2-T) Karla Nayra Fernandes Pereira
Fotos: Suboficial (CN) Edson Tenório Silva



A finalidade foi contribuir para a manutenção da condição de pronto-emprego dos meios de Fuzileiros Navais, sendo o maior treinamento já realizado pela Marinha do Brasil no Planalto Central.



Formosa, uma pequena e pacata cidade de quase 80 mil habitantes, foi a escolhida para sediar a Operação “Formosa 2010”, realizada no período de 5 a 13 de outubro, sob a coordenação do Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra. Há mais de dez anos, os Fuzileiros Navais realizam treinamento na região. Dessa vez, cerca de dois mil militares atuaram nas situações de combate.

“O importante desse tipo de treinamento é que ele coroa um ciclo de adestramento conduzido anualmente e, permanentemente, com o propósito de garantir que as tropas estejam em constante prontidão para uma eventual necessidade de emprego”.
Comandante de Operações Navais, Almirante-de-Esquadra Luiz Umberto de Mendonça

Na terra batida do Campo de Instrução de Formosa – pertencente ao Exército Brasileiro –, carros de combate, viaturas blindadas de transporte de tropa, viaturas anfíbias e aeronaves levantaram poeira para assegurar o máximo de realismo, com a utilização de munição real. O exercício simulava a conquista de uma cabeça de praia, por meio de um Assalto Anfíbio, que permitisse o desembarque de uma

parcela da Força Terrestre, que realizaria uma contraofensiva para reconquista do nosso território, que foi invadido por um suposto inimigo.

“Na guerra, as ações seriam realizadas da mesma forma. O importante desse tipo de treinamento é que ele coroa um ciclo de adestramento conduzido anualmente e, permanentemente, com o propósito de garantir que as tropas estejam em constante prontidão para uma eventual necessidade de emprego”, afirmou o Comandante de Operações Navais, Almirante-de-Esquadra Luiz Umberto de Mendonça, presente ao

adestramento. “Ao todo, participaram dois mil militares e 170 viaturas, em um esforço logístico muito grande”, complementou.

ATIVIDADES

O exercício começou com o apoio de fogo do Batalhão de Artilharia de Fuzileiros Navais, que lançou projéteis sobre um alvo simulado. Depois disso, uma aeronave AF-1 “Skyhawk” realizou voos rasantes, simulando um ataque ao mesmo alvo.

Foram realizados, também, treinamentos com o Veículo Aéreo Não-Tripulado (VANT), desenvolvido pela



Helicóptero da Marinha pousa no Campo de Instrução de Formosa



Fuzileiros Navais desembarcam do CLAnf

empresa brasileira Santos Lab. Seu lançamento é feito manualmente por um único militar e suas imagens são registradas em um monitor posicionado junto ao comandante da operação. No exercício, a aeronave identificou uma construção com possíveis artefatos explosivos e, rapidamente, os engenheiros de campanha foram acionados para identificar e neutralizar a ameaça. Com o terreno livre, foi iniciado o ataque coordenado previsto no cronograma de eventos.

Cada operação realizada requer um tipo de planejamento e de execução, e essa, de interesse naval, foi voltada especificamente para as

“Posso afiançar que o exercício teve um resultado extremamente positivo, o que reflete tudo o que foi ministrado ao longo do ano, apesar de sua complexidade”.
Comandante da Força de Fuzileiros da Esquadra, Vice-Almirante (FN) Carlos Alfredo Vicente Leitão

ações de Assalto Anfíbio. O Corpo de Fuzileiros Navais é uma Força de caráter expedicionário por excelência.

Assim, a manutenção de sua condição de pronto emprego exige treinamento em vários ambientes operacionais, tais como áreas urbanas, selva, áreas ribeirinhas e cerrado.

Uma das tarefas da Marinha do Brasil é a projeção de poder sobre terra. Para tanto, além do bombardeio naval e aeronaval da costa, a Força pode valer-se dos Fuzileiros Navais para, a partir de operações de desembarque, controlar parcela do litoral que seja de interesse naval. Essas operações, comumente conhecidas como Operações Anfíbias, são consideradas por muitos como sendo as de execução mais



Vice-Almirante (FN) Leitão passa instruções aos Fuzileiros Navais

A Brigada Real da Marinha foi a origem do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) da Marinha do Brasil. Criada em Portugal, em 28 de agosto de 1797, por Alvará da Rainha D. Maria I, chegou ao Rio de Janeiro, em 7 de março de 1808, acompanhando a Família Real Portuguesa que transmigrava para o Brasil, resguardando-se das ameaças dos exércitos invasores de Napoleão.

O batismo de fogo dos Fuzileiros Navais ocorreu na expedição à Guiana

Francesa (1808/1809), com a tomada de Caiena, cooperando ativamente nos combates travados até a vitória, garantindo para o Brasil o atual Estado do Amapá. Em 1809, D. João Rodrigues Sá e Menezes, Conde de Anadia, então Ministro da Marinha, determinou que a Brigada Real da Marinha ocupasse a Fortaleza de São José, na Ilha das Cobras (RJ), onde até hoje os Fuzileiros Navais têm seu “Quartel-General”.

Após o retorno do Rei D. João VI para Portugal, um Batalhão da Brigada Real da Marinha permaneceu no Rio de Janeiro. Desde então, os soldados-marinheiros estiveram presentes em todos os episódios importantes da História do Brasil, como nas lutas pela consolidação da Independência, nas campanhas do Prata e em outros conflitos armados em que se empenhou o País.

Ao longo dos anos, o CFN recebeu diversas denominações: Batalhão de



Carro de Combate SK 105 A2S



AF-1 "Skyhawk"

complexa dentre todas as operações militares. "Posso afirmar que o exercício teve um resultado extremamente positivo, o que reflete

tudo o que foi ministrado ao longo do ano, apesar de sua complexidade", afirmou o Comandante da Força de Fuzileiros da Esquadra, Vice-Almirante (FN) Carlos Alfredo Vicente Leitão.

Esta condição de prontidão constante materializa a capacitação da Marinha na proteção da "Amazônia Azul" e na defesa das instalações navais, portuárias, arquipélagos e ilhas oceânicas, além de assegurar a capacidade de atuação em Operações Internacionais de Paz e em Operações Humanitárias, como é o caso, por

exemplo, do Haiti, em que os Fuzileiros Navais compõem a Força de Paz naquele país.

POR QUE EM FORMOSA?

Em relação à escolha de Formosa, o Vice-Almirante (FN) Leitão explica que se deve à extensão da área, sem construções próximas, o que permite a utilização de munição real. "Desde o ano 2000, vimos à cidade para utilizar a área do Exército pela facilidade de se realizar o tiro de artilharia de longo alcance, pela extensão territorial" ⚓

Artilharia da Marinha do Rio de Janeiro, Corpo de Artilharia da Marinha, Batalhão Naval, Corpo de Infantaria de Marinha, Regimento Naval e, finalmente, desde 1932, Corpo de Fuzileiros Navais.

Durante a Segunda Guerra Mundial, foi instalado um destacamento de Fuzileiros Navais na Ilha da Trindade, para a defesa contra um possível estabelecimento de base de submarinos inimigos e, ainda, foram criadas Companhias Regionais ao longo da costa,

que mais tarde se transformaram em Grupamentos de Fuzileiros Navais Distritais. Os combatentes anfíbios embarcaram, também, nos principais navios de guerra da Marinha do Brasil.

Na década de 1950, o CFN estruturou-se para emprego operativo como Força de Desembarque, realizando ações e operações terrestres necessárias a uma campanha naval. Mais recentemente, os Fuzileiros Navais, como Observadores Militares

da Organização das Nações Unidas (ONU), atuaram em áreas de conflito ao redor do mundo. No Haiti, estão presentes desde o primeiro contingente da Força de Paz, em 2004.



Blindados da Marinha durante a Operação "Formosa"

Sejam todos bem-vindos à grande festa do Círio de Nazaré!

Por Capitão-Tenente (T) Felipe Picco Paes Leme e Primeiro-Tenente (RM2-T) Juliana Amaral Rodrigues
Fotos: Primeiro-Sargento (ET) Marcelo Faria Porto e Segundo-Sargento (AR) Alexander Vieira





É Círio outra vez e os nossos corações se alegram por estarmos reunidos para celebrarmos esse momento! Abramos nossos corações e sintamos o colo materno da Mãe de Deus a nos amparar, hoje e sempre, no peregrinar de nossa fé. Com alegria iniciemos.

As palavras acima, proferidas pelo Arcebispo de Belém, Dom Alberto Taveira Corrêa, durante a abertura da Missa do Círio, realizada no dia 10 de outubro, na Catedral Metropolitana de Belém, às cinco horas da manhã, dá uma pequena noção da emoção que os romeiros sentem ao participar de um dos maiores eventos religiosos do mundo: o Círio de Nazaré. E a Marinha do Brasil é parte integrante da festa, ao participar ativamente da romaria fluvial e terrestre. Pela 12ª vez, o Navio Hidroceanográfico (NHo) “Garnier Sampaio” (foto) teve a tarefa de conduzir a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, durante o Círio fluvial, no dia 9 de outubro.

A bordo do navio, o Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto, o Comandante do 4º Distrito Naval, Vice-Almirante Rodrigo Otavio Fernandes de Hônkis, a Governadora do Estado, Ana Júlia Carepa, o Arcebispo de Belém, Dom Alberto Taveira Corrêa e membros da Arquidiocese de Belém. Na ocasião, a imagem da Santa foi entregue ao Comandante da Marinha, pelo Arcebispo, e colocada em um local de destaque, para que todos que participavam da romaria fluvial tivessem a oportunidade de visualizá-la de suas embarcações.

“Já é uma tradição muito bonita a participação da Marinha do Brasil nesse evento, cultivando os valores e expressando, aqui em Belém, o

envolvimento com a Igreja e a cultura do Pará”, afirmou o Arcebispo de Belém. “A Marinha participa com muita satisfação. Além de fazer toda a coordenação fluvial do evento, também temos o prazer de conduzir a Santa. O NHo ‘Garnier Sampaio’ é conhecido, carinhosamente pelos romeiros, como o navio da Santa”, complementou o Comandante do 4º Distrito Naval, coordenador das atividades da Marinha durante o Círio de Nazaré. “Agradecemos à Marinha pela participação tão importante, carregando a imagem

“A Marinha participa com muita satisfação. Além de fazer toda a coordenação fluvial do evento, também temos o prazer de conduzir a Santa. O NHo ‘Garnier Sampaio’ é conhecido, carinhosamente pelos romeiros, como o navio da Santa”.

Comandante do 4º Distrito Naval, Vice-Almirante Rodrigo Otavio Fernandes de Hônkis

peregrina, e mais ainda, por organizar este evento tão significativo para o Estado”, agradeceu a Governadora.

Participando do Círio pela primeira vez, o Comandante da Marinha não escondeu a sua emoção. “A emoção é

indescritível. Quando me foi dada a oportunidade de conduzir a imagem para ser colocada na berlinda em nosso navio e pude ver a reação do povo, posso garantir que fiquei extremamente emocionado”. Foi, também, a primeira vez do próprio Comandante do NHo “Garnier Sampaio”, o Capitão-de-Corveta Paulo Antonio Santos Siqueira. “Assumi o Comando no dia 12 de fevereiro e, hoje, participamos do evento mais importante da cidade. Foi a minha primeira vez e a 12ª do navio. Ou seja, uma responsabilidade muito grande. Graças a Deus deu tudo certo”, declarou.

GRANDIOSIDADE DO EVENTO

O Círio é uma festa que, na sua versão terrestre, reúne mais de 2,5 milhões de fiéis nas ruas e, na sua versão fluvial, aproximadamente 600 embarcações. Há muito tempo, já deixou de pertencer ao programa de eventos

turísticos e religiosos somente do Estado do Pará. Na sua versão fluvial, a Marinha é a principal responsável pela coordenação e segurança do tráfego aquaviário. De acordo com o Capitão dos Portos da Amazônia Oriental, Capitão-de-Mar-e-Guerra José Roberto Bueno Júnior, mais de 20 embarcações da Marinha foram empregadas na romaria fluvial, com

“Quando me foi dada a oportunidade de conduzir a imagem para ser colocada na berlinda em nosso navio e pude ver a reação do povo, posso garantir que fiquei extremamente emocionado”.

Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto



Embarcação da Marinha coordena o tráfego fluvial

um trajeto de 16,4 milhas náuticas, ou seja, cerca de 30 quilômetros. “Pela dimensão do evento, temos que ter algumas preocupações, principalmente em sua versão fluvial. O que se percebe é que, a cada ano, aumenta o número de embarcações que participam”.

Ainda de acordo com ele, o sucesso do evento se deu, também, pelas parcerias na organização. O Corpo de Bombeiros, a Polícia Militar e a Polícia Civil do Estado do Pará se incorporaram ao controle operativo da Capitania, fazendo com que a população tivesse todos os serviços à disposição. Esse ano, foram realizadas duas reuniões de coordenação e um ensaio com a presença de todos os que participaram da coordenação, com o comparecimento dos meios, o que facilitou o trabalho no dia da romaria fluvial. O Capitão dos Portos destaca que, pelo seu teor religioso, os participantes não causaram muitos problemas. “O evento, por si só, já facilita que ocorra tudo bem, pois as pessoas estão com o espírito de cooperação. O que não impede que nós nos preocupemos”.

Durante a romaria fluvial, a condução das atividades tem a finalidade

Comandante da Marinha apresenta a imagem da Santa aos romeiros



de inibir as pessoas de se aproximarem demasiadamente do navio e, da mesma forma, assegurar o trânsito tranquilo das embarcações, promovendo a segurança da navegação, a salvaguarda da vida humana e a prevenção da poluição. “Nesse percurso, temos como preocupação manter o espaço adequado de manobra. A tendência é as embarcações tentarem se aproximar da Santa. Na procissão, estabelecemos um santuário em torno do navio, de forma que essas embarcações se sintam inibidas de se aproximarem”, complementa.

OPERAÇÃO “PRÉ-CÍRIO”

De forma pró-ativa e preventiva, a Marinha realizou a Operação “Pré-Círio”, ocorrida no período de 27 de setembro a 3 de outubro, tendo como foco principal a intensificação das ações de fiscalização do tráfego aquaviário, visando coibir a participação de embarcações irregulares. Por meio de inscrição realizada na Capitania dos Portos, as embarcações que iriam transportar passageiros foram rigorosamente vistoriadas por equipes de Inspeção Naval. “As

“O Grupamento realizou um importantíssimo trabalho, que é a proteção da berlinda de Nossa Senhora de Nazaré. É uma tarefa árdua, feita com muito entusiasmo e dedicação”.

Comandante do Grupamento de Fuzileiros Navais de Belém, Capitão-de-Fragata (FN) Jorge Luiz Cordeiro das Neves

embarcações que apresentaram os itens de segurança em conformidade para se obter uma navegação segura receberam o Selo de Segurança da Navegação. Dessa forma, o romeiro teve a garantia de que estava a bordo de uma embarcação segura”, explicou o Capitão dos Portos.

O objetivo foi, também, conscientizar barqueiros e ribeirinhos sobre os riscos dos acidentes conhecidos como escalpelamento. O acidente ocorre quando o cabelo se enrola em torno do eixo giratório dos barcos, arrancando,

de forma brutal, todo ou parte do couro cabeludo (escalpo), inclusive orelha, pele do rosto, pálpebras, podendo até levar à morte. Para isso, na Operação “Pré-Círio” de 2010, foram produzidas e instaladas, gratuitamente, 88 coberturas do eixo propulsor.

BANDA SINFÔNICA E PROCISSÃO TERRESTRE


Além da romaria fluvial, a Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais apresentou-se nos dias 5 e 8 de outubro na Concha Acústica



Fuzileiros Navais atuam na proteção da Santa

e no Theatro da Paz, respectivamente. No dia 10 de outubro, a atuação da Marinha do Brasil se deu por meio do Grupamento de Fuzileiros Navais de Belém, quando da procissão terrestre.

Os 260 Fuzileiros Navais, juntamente com integrantes da Guarda da Santa (voluntários civis), fizeram a proteção da imagem durante todo

o trajeto a pé. “O Grupamento realizou um importantíssimo trabalho, que é a proteção da berlinda de Nossa Senhora de Nazaré. É uma tarefa árdua, feita com muito entusiasmo e dedicação”, afirmou o Comandante do Grupamento de Fuzileiros Navais de Belém, Capitão-de-Fragata (FN) Jorge Luiz Cordeiro das Neves 

24ª Conferência Naval Interamericana

Marinha do Brasil organizou evento que reuniu representantes de 17 Marinhas do continente americano

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Juliana Amaral Rodrigues e Primeiro-Tenente (RM2-T) Karla Nayra Fernandes Pereira
Fotos: Suboficial (CN) Edson Tenório Silva

O Brasil sediou a 24ª Conferência Naval Interamericana (CNI) - o mais importante fórum entre as Marinhas americanas sobre assuntos ligados ao mar -, que ocorreu entre os dias 13 e 17 de setembro de 2010, na cidade do Rio de Janeiro.

Criada em 1959 com o propósito fundamental de estimular os contatos profissionais permanentes entre as Marinhas dos países participantes, a CNI é um foro para intercâmbio de ideias, conhecimentos e entendimento mútuo dos problemas

marítimos que afetam o continente americano. Nesta 24ª edição, participaram representantes das Marinhas da Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, El Salvador, Equador, Estados Unidos da América, Honduras, México, Nicarágua, Panamá,

Paraguai, Peru, República Dominicana e Venezuela, e delegações da Junta Interamericana de Defesa (JID) e da Rede Naval Interamericana de Telecomunicações (RNIT).

Durante o evento, foram debatidos assuntos de interesse naval,

“Os Delegados dos países participantes saíram daqui plenamente conscientes de que devemos trocar informações e cooperar uns com os outros”. Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto

sendo o tema oficial, proposto pela Marinha do Brasil, “A Segurança Marítima Interamericana: a consciência do domínio marítimo regional e mecanismos para seu fomento; o emprego do Poder Naval na segurança marítima e na defesa dos recursos naturais; e as questões do ordenamento jurídico”.

Na cerimônia inaugural, ocorrida no dia 13 de setembro, participantes e convidados assistiram a execução do Hino Nacional em um vídeo com imagens de nossa cultura, fauna, flora e riquezas, e a um outro com o pronunciamento do Ministro da Defesa do Brasil, Nelson Jobim. De acordo com ele, os países das Américas estabeleceram uma convivência pacífica, onde é conhecido e admirado o caráter não belicoso



Plenário da 24ª CNI

do continente, sendo que a melhor maneira de cultivar a paz é não descurar da capacidade de dissuasão. “No mundo de hoje, as Forças Navais necessitam estar preparadas para garantir a defesa da Pátria, que é sua tarefa principal, e para se impor perante as novas ameaças - os delitos transnacionais -, assim como o narcotráfico, o contrabando de armas, a pirataria, a biopirataria e os crimes ambientais”, declarou o Ministro.

TEMAS DISCUTIDOS

Os Delegados das Marinhas participantes trouxeram diversos assuntos para discussão, relacionados à segurança naval de seus países. Desde problemas sobre controle e vigilância das atividades pesqueiras na Zona Econômica Exclusiva (ZEE), até o combate ao narcotráfico nas águas fluviais e marítimas. O Chefe da Delegação da Marinha do Paraguai, Contra-Almirante Egberto Orue Benegas, demonstrou maior interesse pelos problemas relacionados às águas interiores, visto que seu país é completamente fluvial. “Além do esforço para livrar nossos rios da contaminação, lutamos para combater o tráfico ilegal”, destacou. Já o principal representante do México na conferência, Almirante-de-Esquadra Jose Jesús Marte Camarena, ressaltou a importância do intercâmbio de informações entre as Forças, e



Comandante da Marinha do Brasil (ao centro) discursa na abertura da CNI



Foto oficial da cerimônia dos 50 anos da CNI

da operação conjunta com todas as Marinhas da América. “Por isso estamos aqui. Para expor nosso ponto de vista e conhecer os pontos de vista dos demais”.

“A Marinha colombiana tem uma vasta experiência na luta contra o narcotráfico”, afirmou o Chefe da Delegação da Marinha da Colômbia, Vice-Almirante Alvaro Echandi Durán. Ele conta que, no ano passado, a Força conquistou uma cifra recorde em seu país: encontrou 97,4 toneladas de cocaína. Uma outra atividade que tem ocupado sua Marinha é a caça aos semi-submersíveis - embarcações clandestinas usadas para o transporte de droga, desde a América do Sul até a América do Norte. Segundo a autoridade colombiana, em 1993, foram encontrados, pela primeira vez, 56 deles. No ano passado, o número caiu para 20.

“Interrompemos grande parte dessas embarcações ainda na fase da construção. Outras que já estavam navegando, carregadas com drogas, logo foram interceptadas”.

“Parabéns pela dedicação, profissionalismo e compromisso daqueles que trabalharam na produção deste evento”.

Chefe da Delegação da Argentina, Almirante-de-Esquadra Jorge Omar Godoy

Para o Chefe da Delegação do Canadá, Vice-Almirante Dean McFadden, o mais importante é focar na legislação em nível internacional para o combate às ações ilegais no mar. “Nós criamos um regime de leis internacionais regulado pela Convenção das Nações

Unidas, que permite aos Estados terem o controle exclusivo de suas áreas costeiras, com autoridade reguladora para a preservação dos seus recursos naturais”, afirmou.

O tema narcotráfico é um assunto de preocupação mundial e dos organismos internacionais de saúde e segurança. Para o representante da Nicarágua, Capitán de Navio Ángel Eugenio Fonseca Donaire, isso é um flagelo mundial. “Estamos atuando em conjunto para enfrentar essa ameaça”, disse.

A pesca ilegal também mereceu atenção especial dos participantes, pois concentra uma série de danos ambientais por operar, quase literalmente, fora do radar de qualquer fiscalização. Diversas ações para controlar essa atividade acontecem no mundo todo. Segundo o Chefe da Delegação de El Salvador, Capitán de Navio Juan

Antonio Calderon Gonzalez, em seu país ampliou-se o contingente de militares da Marinha para assumir o controle das áreas costeiras e portuárias.

O Presidente da Junta Interamericana de Defesa (JID), Major-Brigadeiro José Roberto Machado e Silva, afirmou que, na CNI, o organismo destacou principalmente as atividades relacionadas aos desastres naturais. A proposta apresentada pela JID na CNI é que seja realizado um treinamento conjunto das Forças Armadas, em atendimento a uma situação de desastre natural. “Estamos sugerindo para os Comandantes das Marinhas um exercício envolvendo todas as Marinhas, na simulação em atendimento a um desastre natural, porque tem muitas coisas que podem ser feitas em termos de interoperabilidade e apoio mútuo”. A JID tem por missão assessorar a Organização dos

Estados Americanos (OEA) em assuntos relacionados a temas militares e de defesa.

BALANÇO FINAL

“Os Delegados dos países participantes saíram daqui plenamente conscientes de que devemos trocar informações e cooperar uns com os outros”. Foi com essa afirmação que o Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto, avaliou os resultados obtidos na 24ª CNI. Em sua opinião, todos estavam focados no tema principal do evento: A Segurança Marítima Interamericana.

Durante a cerimônia de encerramento, também foram comemorados os 50 anos de sua existência. O Comandante da Marinha do Brasil e o Decano da Conferência, Almirante-de-Esquadra Jorge Omar Godoy, Chefe de Delegação da Argentina,

descerraram uma placa alusiva à data. Em seguida, foram entregues réplicas da placa, como lembrança, a cada um dos 17 Chefes de Delegações convidadas e ao Representante da RNIT.

No Plenário, o Almirante Godoy parabenizou a Marinha do Brasil, em nome de todas as Delegações, pela maneira excepcional que a conferência foi organizada. “Parabéns pela dedicação, profissionalismo e compromisso daqueles que trabalharam na produção deste evento”, expressou. Em seguida, anunciou-se que o México será o próximo país a sediar a conferência e, por fim, realizou-se a assinatura das atas.

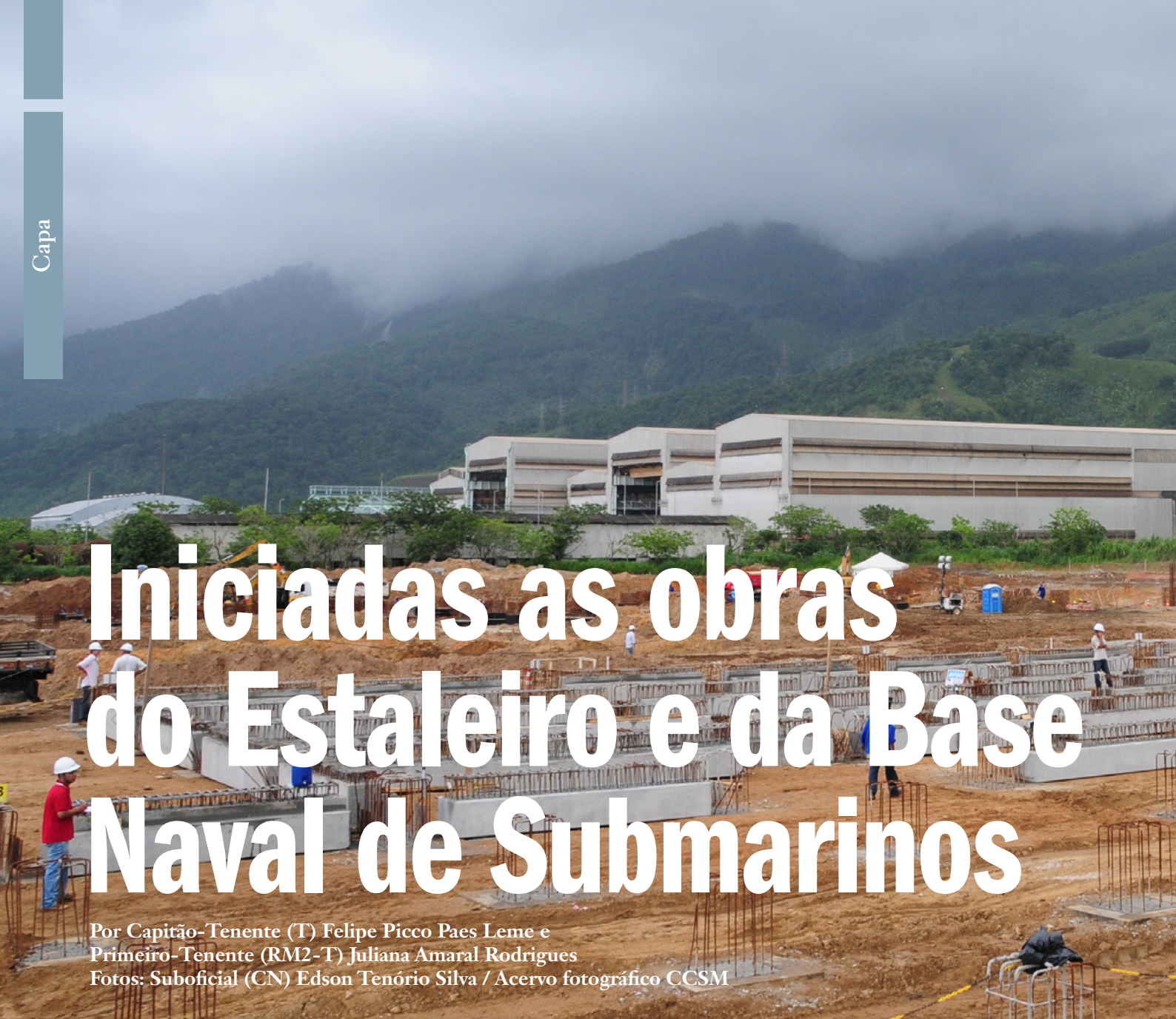
Ainda durante o encerramento, o Secretário-Geral da 24ª CNI, Contra-Almirante Wagner Lopes Moraes Zamith, confirmou ter sido alcançado o propósito da conferência: aumentar a interoperabilidade entre as Marinhas da América, a fim de estabelecer a segurança e a paz dos povos 🚢



A Comitiva de Delegados visitou dois navios da Marinha do Brasil: a Fragata “Independência” (F44) e o Navio-Patrolha (NP) “Macaé” (P70).

Juntamente com o Comandante da Marinha, os 18 Delegados conheceram as instalações internas dos navios atracados na Base Naval de Moanguê, em Niterói.

A Fragata “Independência”(ao lado) é a quinta da série das Fragatas Classe “Niterói” e a primeira a ser construída no Brasil. Em 1997, a Marinha do Brasil iniciou uma modernização nessa Classe de Fragatas, com o objetivo de dotá-las de um sistema de combate atualizado.



Iniciadas as obras do Estaleiro e da Base Naval de Submarinos

Por Capitão-Tenente (T) Felipe Picco Paes Leme e
Primeiro-Tenente (RM2-T) Juliana Amaral Rodrigues
Fotos: Suboficial (CN) Edson Tenório Silva / Acervo fotográfico CCSM

Após 31 anos de existência do Programa Nuclear da Marinha (PNM), a Marinha do Brasil anda a passos largos para alcançar seu máximo objetivo dentro do programa: a construção do Submarino de Propulsão Nuclear. A primeira parte era obter o domínio do ciclo do combustível nuclear, que já foi atingida, restando ainda o esforço de conclusão da segunda parte – a planta nuclear –, o que será concretizado com a finalização das obras do Laboratório de Geração de Energia Nucleo-Elétrica (LABGENE), localizado no Centro Experimental Aramar (CEA), em Iperó (SP). Em paralelo, a Marinha do Brasil trabalha no projeto do Submarino de Propulsão Nuclear brasileiro. Em Itaguaí (RJ), foram iniciadas as obras do Estaleiro e da Base Naval de Submarinos, como parte do Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB).



No dia 4 de agosto de 2010, foi assinado o Termo de Cessão de Uso do terreno para a construção de um Estaleiro e de uma Base Naval de Submarinos no município fluminense. O documento foi assinado pelo então Diretor-Geral do Material da Marinha, Almirante-de-Esquadra Luiz Umberto de Mendonça, e pelo Presidente da Companhia Docas do Rio de Janeiro, Jorge Luiz de Mello. Sob a coordenação da Diretoria-Geral do Material da Marinha (DGMM),

o PROSUB abrange a construção de um Estaleiro, uma Base Naval de Submarinos, uma Unidade de Fabricação de Estrutura Metálica (UFEM), quatro submarinos convencionais e um submarino com propulsão nuclear.

De acordo com o Almirante-de-Esquadra (Ref^o) José Alberto Accioly Fragelli, Coordenador-Geral do Programa de Desenvolvimento de Submarino com Propulsão Nuclear, a nova Base de Submarinos será a maior da América do Sul. Ele confirma que a Base de Submarinos,

localizada em Mocanguê – Niteroi (RJ) –, será transferida para o novo complexo em Itaguaí. “Nós precisamos ter uma base para submarinos nucleares, que ficará sediada ao lado do estaleiro. Para não haver duplicidade, a Base Almirante Castro e Silva – que hoje atende apenas a submarinos convencionais –, será transferida para Itaguaí”.

UNIDADE DE FABRICAÇÃO DE ESTRUTURA METÁLICA (UFEM)

No mês de setembro, em um canteiro de obras com 90 mil metros

“Apenas China, Rússia, Estados Unidos da América, França e Inglaterra possuem submarinos nucleares. Queremos fazer parte desse bloco e elevar o País a um patamar jamais alcançado”.

**Almirante-de-Esquadra (Refº)
José Alberto Accioly Fragelli,
Coordenador do PROSUB**

quadrados, 320 homens da Construtora Odebrecht iniciaram uma longa jornada de trabalho, sob a fiscalização permanente da Marinha.

O projeto é construir a UFEM, primeira etapa do novo Complexo Militar-Naval, que se completa com a construção do Estaleiro e da Base Naval de Submarinos.

Na UFEM, serão produzidas as estruturas internas de submarinos, além da pré-moldagem dos materiais e equipamentos que irão dentro do meio, que possibilitará à Marinha realizar os serviços iniciais de equipagem das seções dos submarinos convencionais e nuclear, provenientes da Nuclebrás Equipamentos Pesados S.A. (NUCLEP), que, posteriormente, serão destinados ao Estaleiro Naval. A previsão de término das obras da UFEM é para o 1º semestre

de 2012. “A NUCLEP fabricará o casco resistente do submarino. Depois, o casco vai para a UFEM, que fará o acabamento das seções”, conclui o Gerente do Empreendimento Modular da Base, do Estaleiro e da UFEM”, Contra-Almirante (EN-RM1) Alan Arthou.

O projeto e a construção do Complexo Militar-Naval da Marinha estão sendo gerenciados pela Coordenadoria-Geral do Programa de Desenvolvimento de Submarino com Propulsão Nuclear (COGESN).

DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Além da importância estratégica, tecnológica e industrial do PROSUB,



Imagem em perspectiva da área a ser construída

existe uma latente preocupação com o aspecto social. Por esse motivo, foi implementado o Programa de Qualificação Profissional Continuada “Acreditar” que seleciona, capacita e forma a mão-de-obra da própria região, com o intuito de contratá-la

para atuar nas obras. “Grande parte dos carpinteiros, pedreiros e armadores que estão aqui, foram alunos do programa”, revelou o Diretor do Contrato da Odebrecht com a Marinha, Fábio Gandolfo. “Eles passaram por aulas teóricas, práticas e por um

breve estágio, antes de se formarem e serem efetivados”, detalhou.

Fruto do Programa “Acreditar”, o atual zelador da UFEM, Fidel Prata da Silva, estava desempregado até o ano passado, quando soube da oportunidade e se interessou de imediato.

Ecole de conception des sous-marins



ESCOLA DE PROJETO DE SUBMARINOS

No dia 16 de setembro, foi inaugurada, em Lorient (França), a Escola de Projeto de Submarinos (École de Conception des Sous-Marins), construída pela empresa francesa Direction des Constructions Navales et Services (DCNS), especialmente para efetuar a transferência de tecnologia do projeto de submarino nuclear, à exceção da propulsão nuclear, aos Engenheiros Navais da Marinha do Brasil, conforme previsto em contrato do PROSUB.

Com a inauguração, está em andamento um programa de preparação, com previsão de 18 meses, para formar três grupos que se juntarão sucessivamente, sendo o primeiro constituído por 26 Engenheiros Navais. Ao retornar ao Brasil, essa turma inicial será responsável por disseminar a tecnologia de projeto de submarinos para os demais engenheiros do PROSUB.

No dia 28 de outubro, em visita oficial à França, o Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto, acompanhado do Diretor-Geral do Material da Marinha, Almirante-de-Esquadra Arthur Pires Ramos, foi recebido no Escritório Técnico Brasileiro do Programa de Desenvolvimento de Submarinos na França (ET-PROSUB). Na ocasião, foram apresentadas pelo Encarregado do ET-PROSUB, Capitão-de-Mar-e-Guerra Francisco Antonio de Oliveira Junior, as atividades associadas ao PROSUB que estão em andamento nas cidades de Lorient, Toulon, Sophia Antipolis e Cherbourg.

Em Lorient, foi instalada a Escola de Projeto de Submarinos. Em Toulon e Sophia Antipolis, está ocorrendo o processo de Transferência de Tecnologia do Sistema de Combate e Sonar. Para isso, cinco Oficiais

foram designados para acompanhar as atividades em desenvolvimento nos laboratórios e oficinas das empresas contratadas, capacitando-se para customizar os sistemas e fazer as manutenções necessárias dos submarinos que serão construídos no Brasil.

Na cidade de Cherbourg, 25 engenheiros e técnicos participam do processo de transferência de tecnologia para construção de submarinos. No atual estágio, eles estão sendo treinados e qualificados para trabalhar com as ferramentas e os maquinários necessários para a produção das seções que irão formar o casco resistente do submarino. Além disso, parte do grupo vem se dedicando ao controle e planejamento do processo de produção. Nesse contexto, encontra-se em fase final de construção as primeiras seções do submarino, com participação direta de técnicos da Marinha do Brasil.



Operários trabalhando nas obras

“Está prevista a construção de um centro de informações e esclarecimentos para o povo de Itaguaí e a quem se interesse pelo que existe aqui”.

**Capitão-de-Mar-e-Guerra (EN),
Álvaro Rodrigues Fernandez**

“Foi a primeira vez que surgiu uma oportunidade como essa na cidade.

As firmas locais nunca fizeram nada parecido”. Contratado há nove meses, Fidel sonha em crescer junto com o empreendimento. “É uma chance que eu nunca tive na vida. Quero ficar aqui até o fim das obras do complexo”, afirmou.

O Gerente Executivo do Projeto e da Obra de Construção da Base Naval e do Estaleiro, Capitão-de-Mar-e-Guerra (EN) Álvaro Rodrigues Fernandez, declarou que, na fase de elaboração do projeto, a Marinha não se preocupou apenas com as

questões técnicas, mas também em interferir o mínimo possível na vida da comunidade local. “Está prevista a construção de um centro de informações e esclarecimentos para o povo de Itaguaí e a quem se interesse pelo que existe aqui”, anunciou. Ele destaca a preocupação da Força em preservar as residências próximas à área do Complexo e acrescenta: “No local, existe um túnel, mas tivemos a preocupação que sua posição não resultasse na demolição das residências existentes na região” ⚓

REATOR NUCLEAR
IPEN/MB-01

CTMSP: pesquisa e desenvolvimento na área nuclear

Por Capitão-Tenente (T) Felipe Picco Paes Leme
Fotos: Suboficial (CN) Edson Tenório Silva

O Programa Nuclear da Marinha (PNM) vem demonstrando, desde o seu início, em 1979, uma grande capacidade de mobilização e estímulo dos setores de Ciência e Tecnologia.

São inúmeras as parcerias estabelecidas com universidades, centros de pesquisa e desenvolvimento, indústrias e empresas projetistas de engenharia.

O Centro Tecnológico da Marinha em São Paulo (CTMSP) é uma Organização Militar que trabalha com pesquisa e desenvolvimento dos sistemas nucleares e energéticos para serem aplicados na propulsão de navios da Marinha do Brasil. Lá, desenvolve-se o PNM.

Apesar do caráter nuclear do programa, sua aplicação não impede que os resultados obtidos sejam utilizados em outros setores, proporcionando um arrasto tecnológico. “Toda pesquisa que nós fazemos visa a área nuclear, de combustível nuclear e de propulsão nuclear, com fins pacíficos. O que acontece é que muitas das tecnologias desenvolvidas são duais, ou seja, podem ser aproveitadas em outras áreas”, afirma o Diretor do CTMSP, Vice-Almirante (EN) Carlos Passos Bezerril.

São diversos os produtos e serviços que identificam o arrasto tecnológico promovido pelas pesquisas do centro. Por meio desse esforço de desenvolvimento, foi acumulado um significativo acervo tecnológico, tendo sido gerada capacitação em diversas áreas, permitindo que passassem a ser projetados e fabricados no Brasil vários materiais, componentes, equipamentos e sistemas que necessitavam ser adquiridos no mercado externo e que, muitas vezes, não podiam ser importados devido a



Obras do LABGENE

restrições por parte dos países fornecedores, como por exemplo, um determinado tipo de aço, bombas de vácuo, conversores estáticos, giroscópio, medidores de pressão e vazão, válvulas especiais, sistemas de controle de processos e de máquinas navais, além de análise de efluentes industriais e monitoração ambiental, entre outros. A cooperação com universidades, instituições de pesquisa e empresas nacionais nesse processo possui um efeito multiplicador, que pode ser medido pela extensa gama de itens que hoje tem aplicação generalizada em vários setores da economia.

PARCERIAS

O CTMSP está localizado, estrategicamente, na cidade de São Paulo, no campus da Universidade de São Paulo (USP), onde se encontram importantes centros de pesquisa nacionais. Como diretriz fundamental, todos os empreendimentos a cargo do Centro são concebidos pela equipe técnica que, em alguns casos, conta com a colaboração de pesquisadores, engenheiros e cientistas e de universidades e instituições de pesquisa de diversas regiões do País.

“Nós temos muitos parceiros. Dezenas de empresas, de institutos e de

“Toda pesquisa que nós fazemos visa a área nuclear, de combustível nuclear e de propulsão nuclear, com fins pacíficos”.

Diretor do CTMSP , Vice-Almirante (EN) Carlos Passos Bezerril

“Nós temos muitos parceiros. Dezenas de empresas, de institutos e de universidades do Brasil todo colaboram conosco. Dentre todos, três talvez sejam os nossos principais parceiros: o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN), a USP e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT)”.

Vice-Almirante (EN) Carlos Passos Bezerril

universidades do Brasil todo colaboram conosco. Dentre todos, três talvez sejam os nossos principais parceiros: o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN), a USP e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT)”, destaca o Vice-Almirante (EN) Bezerril.

Ao mesmo tempo, o CTMSP participa, desde 2004, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que concede cotas institucionais de bolsas. O programa tem como propósitos principais despertar a vocação científica e incentivar novos talentos potenciais entre estudantes de graduação; contribuir para a formação de recursos humanos para a pesquisa; e proporcionar ao bolsista, orientado por pesquisador qualificado, a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa.

“Temos 22 Bolsas de Iniciação Científica destinadas a alunos de graduação, que passam por um processo seletivo e vão trabalhar dentro dos nossos laboratórios, recebendo a bolsa do CNPq. O objetivo é despertar, nos jovens, o interesse pela pesquisa científica. Eles têm contato com pesquisadores experientes, quando recebem um treinamento e são expostos a um ambiente de trabalho científico, com pessoas de diversas áreas, como por exemplo ambiental,

construção civil de reatores, entre outras”, explica o Superintendente do Programa Nuclear, Capitão-de-Mar-e-Guerra (EN) Luciano Pagano Junior.

Os alunos são selecionados e designados para desenvolver um trabalho que tenha algum valor científico. O Coordenador dos Programas de Combustível Nuclear e de Propulsão Nuclear, Capitão-de-Mar-e-Guerra (EN) André Luis Ferreira Marques, destaca que o

PNM não é um programa teórico, mas sim de resultados. “O que nós fazemos é gerar produtos, com diversos parceiros. Sempre há a geração de um produto final. Não é somente tese, temos que ter algo concreto, real, que funcione, e deve ser desenvolvido, sempre voltado para o objetivo da propulsão nuclear naval. Então, o CTMSP é um local onde as pessoas procuram aplicar os conhecimentos de sua área de formação”.

CENTRO EXPERIMENTAL ARAMAR

Para consolidar a “cultura experimental” no âmbito do programa de pesquisa e desenvolvimento, o CTMSP conta com o seu Centro Experimental Aramar (CEA), localizado no município de Iperó (SP), onde estão instalados seus laboratórios e oficinas especializadas.



Funcionário trabalhando no reator nuclear IPEN/MB-01



Reator nuclear que será utilizado no LABGENE


O PNM é dividido em dois grandes projetos. Um deles é o Projeto do Ciclo do Combustível, que já está dominado, na área de tecnologia de reatores de pequeno porte. O próximo passo é o Laboratório de Geração de Energia Nucleo-Elétrica (LABGENE). Trata-se de uma planta nuclear, projetada e construída por brasileiros, situada em Aramar, que tem a característica de ter suas dimensões e disposição de equipamentos organizados de forma a ser montada dentro de um casco de submarino, para se testar o equipamento do mesmo modo que será utilizado em um submarino real. “Vai ser igual a um submarino. Ele servirá, também, como uma escola de formação para os militares que embarcarão nos

submarinos”, complementa o Almirante Bezerril.

PREOCUPAÇÃO AMBIENTAL

A área de energia tem um histórico de muitos acidentes, mas não na área nuclear, em que a preocupação é muito grande. Em Aramar, existe um

Plano de Emergência. As estruturas de suas construções estão prontas para resistir a terremotos e a tornados, por exemplo. Na verdade, todas as instalações e órgãos nucleares brasileiros realizam Relatórios de Análise de Segurança, que incluem estudos de análise de risco, e possuem Planos de Emergência, que são devidamente checados e submetidos à Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN). O propósito é garantir a segurança do público, do meio ambiente e do trabalhador.

“Em Aramar, temos um Plano de Monitoração Ambiental (PMA), onde coletamos amostras, não só na nossa área, mas também no nosso entorno. Coletamos amostras em rios próximos, fora de nossa área, para verificar e garantir que não tenha havido qualquer dano ao meio ambiente. Todo ano fazemos milhares de testes ambientais, que são fiscalizados pela CNEN. Eles verificam, por exemplo, se os nossos instrumentos de medida estão aferidos, funcionando corretamente. A preocupação ambiental é fundamental na execução de nossas atividades e a Marinha pratica isso com extrema responsabilidade”, afirma o Capitão-de-Mar-e-Guerra (EN) Luciano 

Laboratório radioecológico, responsável por analisar as amostras





Medicina de Submarino e Escafandria: a Marinha na vanguarda mundial

Por Capitão-de-Corveta (T) Carla Cristina Daniel Bastos de Pointis
Fotos: Segundo-Sargento (RM1-FN-IF) Vicente Paulo de Carvalho

Atualmente, apenas Marinhas de cerca de 15 países possuem capacidade de realizar Operações de Resgate Submarino (SARSUB), sendo a Marinha do Brasil a única na América Latina e no Atlântico Sul com tal capacidade, o que confere ao nosso Sistema de Socorro Submarino uma significativa importância estratégica.

A Força de Submarinos da Marinha realiza o exercício SARSUB, que

simula a ocorrência de acidente, em que um de nossos submarinos naufraga, supostamente, sem condições de retornar à superfície, com toda ou parte de sua tripulação viva, porém, presa em seu interior (caso similar ao que ocorreu com o submarino russo “Kursk”, que afundou no Mar de Barents, em agosto de 2000, com 118 tripulantes a bordo e que, depois de uma dramática corrida contra o

tempo para trazê-los à tona, não houve sobreviventes). O propósito é justamente resgatar os submarinistas, ou seja, salvar suas vidas, evidenciando a filosofia da Marinha do Brasil de zelar pela segurança e pelo bem-estar de seu pessoal.

Para dar suporte às atividades da Força de Submarinos, em prol da saúde de mergulhadores e submarinistas, trabalha um grupo de profissionais

altamente especializados: os MEDSEK –, médicos com formação em Medicina de Submarino e Escafandria. Para falar sobre o assunto, a equipe da Marinha em Revista entrevistou o Chefe do Departamento de Saúde da Base Almirante Castro e Silva e Oficial de Saúde da Força de Submarinos (BACS), Capitão-de-Fragata (Md) Marcos Carvalho de Araujo Moreira.

O que é a Medicina de Submarino e Escafandria e qual sua importância para as atividades desenvolvidas pela Marinha?

A Medicina de Submarino e Escafandria é uma área de atuação médica única no Brasil, exclusiva da Marinha, que congrega duas especialidades: a Medicina Hiperbárica e a Medicina de Submarino.

A Medicina Hiperbárica é o ramo das ciências médicas que estuda as alterações sofridas pelo organismo humano quando exposto a ambientes cuja pressão atmosférica esteja acima daquela encontrada ao nível do mar. Isso ocorre, principalmente, durante a realização de mergulhos em meio



Navio de Socorro Submarino "Felinto Perry"

líquido, no interior de câmaras hiperbáricas, ou em tubulões pneumáticos empregados na construção civil. Na Marinha do Brasil, a Medicina Hiperbárica está estruturada de forma a



Centro Hiperbárico da Marinha

atender aos três segmentos em que se divide a medicina na Instituição: assistencial, pericial e operativo.

A atividade assistencial é realizada nos hospitais que possuem câmaras hiperbáricas, a exemplo do Hospital Naval Marcílio Dias, para tratamento de pacientes portadores de doenças que se beneficiam desse tipo de tratamento. A atividade pericial é voltada para o controle periódico de mergulhadores e submarinistas. E o segmento operativo é exercido em apoio às atividades de mergulhadores e submarinistas, sendo o mais complexo, em virtude da diversidade de situações e cenários de atuação profissional.

É nesse segmento que se situa a Medicina de Submarino, que, como o próprio nome diz, zela pela saúde e integridade física dos submarinistas.

Como a Marinha do Brasil se posiciona no cenário nacional e internacional, nessa área?

No cenário nacional, como pioneira. O serviço de Medicina Hiperbárica da BACS foi o primeiro a ser criado

no Brasil, seguido pela Clínica de Medicina Hiperbárica do Hospital Naval Marcílio Dias, ambos na década de 60. Desde então, nos consolidamos perante a sociedade como referência no assunto, o que inclui os cursos de formação ministrados no Centro de Instrução e Adestramento Almirante Átila Monteiro Aché (CIAMA), no Rio de Janeiro, amplamente reconhecidos pela comunidade médica hiperbárica.

Com relação aos demais países, conversamos de igual para igual com nossos pares médicos estrangeiros, reconhecendo, é claro, nossas limitações relacionadas a temas bastante específicos e pouco divulgados, como por exemplo, a Medicina para Submarinos Nucleares. Em contrapartida, possuímos grande experiência em áreas dominadas por um número restrito de países e médicos, como a Medicina para Mergulho Saturado e a própria Medicina para Submarinos Convencionais, incluindo a capacidade de resgatar a tripulação de submarinos acidentados. Isso simboliza



expoentes da Medicina Hiperbárica em nosso País.

Qual tem sido o resultado da participação da Medicina de Submarinos brasileira em conclaves e cursos internacionais?

É enorme a quantidade de informações e novidades que trazemos de cada evento internacional. Com base em tudo que temos visto lá fora, fomos capazes de idealizar, desenvolver e testar, na própria Força de Submarinos, dispositivos que, hoje, dotam nossos submarinos e constituem inovações na área de socorro submarino, um dos quais recentemente apresentado em conclave da OTAN, com ótima receptividade.

Qual sua visão de futuro da Medicina Hiperbárica?

É uma visão bastante otimista. Estou certo que a era nuclear demandará uma participação intensiva dos MEDSEK. Acredito que será necessária a constituição de um grupo permanente de médicos, cujo rodízio deverá ser limitado às renovações inevitáveis e, nos quais, será necessário investir, tanto na formação quanto no aprimoramento profissional. O futuro promete ser intensamente desafiador e gratificante e, o que é melhor, já está se tornando presente ⚓

o enorme profissionalismo de nossa Força de Submarinos.

E quanto ao submarino de propulsão nuclear?

O submarino de propulsão nuclear certamente representará mudanças significativas na nossa forma de pensar a Medicina de Submarinos. Não me refiro apenas às questões ligadas ao controle da radiação, mas à forma como esses submarinos operam, o que inclui longos períodos de confinamento.

A questão é como obter todo o conhecimento necessário. Certas áreas do conhecimento humano costumam ser tratadas de forma sigilosa por aqueles que detêm seu conhecimento e não há dúvida de que a operação de submarinos nucleares se enquadra nessa situação. Não existem livros sobre Medicina de Submarinos e apenas duas fontes de conhecimento específico nessa área tem se mostrado confiáveis: as publicações científicas, em pequeno número, e o contato com médicos submarinistas

estrangeiros em cursos e conclaves internacionais. Esse último tem sido uma fonte de conhecimento inestimável para nós, pois trata-se de um grupo reduzido de especialistas, representantes de não muito mais do que 20 países, nas mentes dos quais se concentra muito do que precisamos saber. Não posso deixar de mencionar, no Brasil, o Capitão-de-Fragata (Md) Álvaro Acatauassú Camelier, atual Vice-Diretor do Hospital Naval de Brasília, um dos grandes



Mergulhadores em adestramento no CIAMA

Gente de Bordo

“Riachuelo”, “Tamoio”, “Tapajó” e “Timbira” são os nomes dos submarinos que o Segundo-Sargento (OS) José Josimar Silva Sousa embarcou em toda a sua carreira. Submarinista especializado em Operação de Sonar, o Sargento Josimar tem 1.501 dias de mar. As 21.289 horas de imersão constantes em sua Caderneta Registro o torna o submarinista com maior tempo de imersão na Marinha do Brasil.

Casado, com três filhos, ele afirma que é extremamente empolgado com a sua profissão e que servir em um submarino nada mais é do que uma realização pessoal.

Como você define um submarinista?

Ser um submarinista é especializar-se, familiarizar-se e comprometer-se no que diz respeito a todas as atividades do submarino, não só em sua especialidade, mas também em todas as outras de bordo. O submarinista é aquele profissional extremamente competente, motivado, dedicado em tudo que faz e capaz de atuar em todas as áreas e manobras do submarino.

Você tem 1.501 dias de mar e 21.289 horas de imersão. Já parou para pensar o que isso representa?

Sei que é tempo demais embarcado, mas o tempo não é relevante quando se está fazendo aquilo que gosta. Fazer parte de um dos meios de combate mais importantes da Marinha é, sem sombra de dúvida, uma realização profissional marcante em minha carreira.

Como escolheu a profissão de Operador de Sonar?

Fiz o curso em 1992 e, a bordo, aprendi a gostar da profissão. O Operador de Sonar é uma função muito importante para o submarino. Quando estamos mergulhados, é através do sonar que sabemos tudo o que se passa do lado de fora. Por isso, é um cargo de muita confiança e responsabilidade. Basta dizer que, normalmente, quando um navio de guerra opera seu sonar em busca de um submarino, nós aqui embaixo já localizamos ele em nosso sonar há bastante tempo.

Qual a maior dificuldade de servir em um submarino?

Diria que o espaço interno causa um pouco de desconforto, mas com o passar do tempo nos acostumamos.

Que conselho daria a um jovem que quer ser submarinista?

Que venha conhecer primeiro um submarino, venha nos fazer uma visita para tirar todas as dúvidas, porque não é uma profissão fácil. Ao conhecer um submarino, tenho certeza que se tornará mais um membro de nossas tripulações.

Qual o maior tempo de viagem que fez? Qual o maior período de imersão?

Em 1997, a bordo do Submarino “Tamoio”, fizemos a Operação “Linked Seas”, que durou pouco mais de cinco meses, onde operamos em Portugal e Espanha. Passamos 28



Segundo-Sargento (OS) Josimar

dias mergulhados, durante a travessia Fortaleza-Espanha.


Explique como funciona um submarino?

De uma forma bem simples, diria que o submarino é feito de um aço especial que se comprime e se dilata de acordo com a pressão exercida sobre ele, e tem em suas extremidades tanques de lastro com ramificações de ar comprimido e suspiro. Quando queremos que ele fique na superfície, enchemos os tanques de ar e quando queremos mergulhar, liberamos o ar e os tanques se enchem de água, fazendo com que o submarino mergulhe.

Qual o seu hobby? Gosta de filmes de guerra?

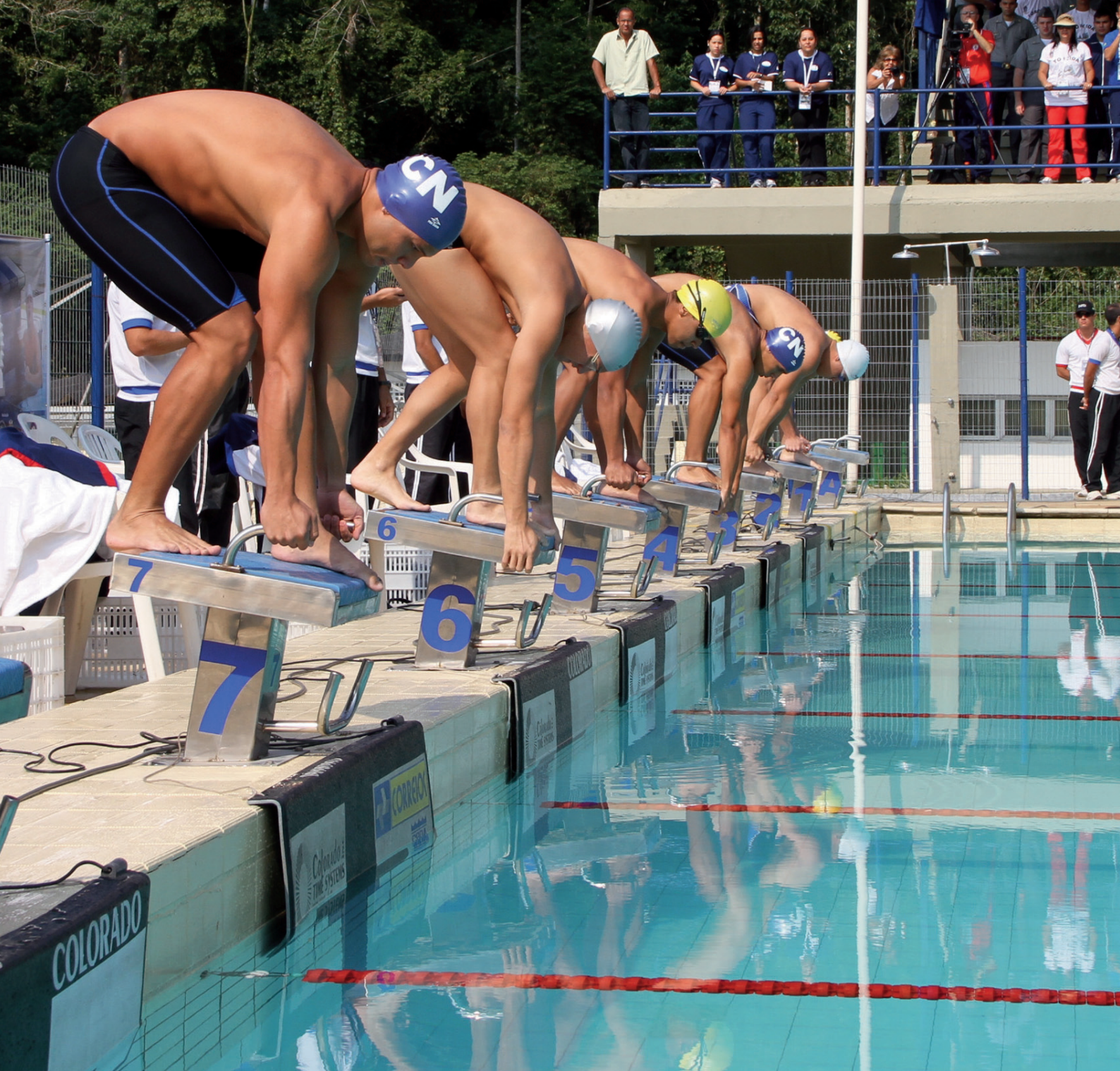
O que gosto mesmo é de viajar com a família. Mas também gosto de filmes de ação. O melhor filme de submarinos que já vi foi “O Barco”. Há outro, que considero muito bom, chamado “A Raposa do Mar”.

Seus familiares já visitaram um submarino? Qual a impressão deles?

Minha esposa ficou muito surpresa com o espaço e não se acostumaria com esse trabalho. Já os meus filhos gostaram tanto que, sempre quando possível, passam o dia a bordo comigo 

O importante é competir!

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Alessandra Cintra de Paiva S. M. Barreto
Fotos: Segundo-Sargento (RM1-FN-IF) Vicente Paulo de Carvalho



Competição realizada no Colégio Naval (CN), em Angra dos Reis, reuniu alunos das três Escolas Militares de Ensino Médio das Forças Armadas: Colégio Naval e Escolas Preparatórias de Cadetes do Exército (EsPCEEx) e do Ar (EPCAr). Ao todo, participaram da XLII NAE cerca de 400 alunos-atletas, entre os dias 7 e 24 de setembro de 2010. Nessa edição, o CN conquistou 46 medalhas, a EsPCEEx, 29, e a EPCAr, 28.

Estar com um bom condicionamento físico é fundamental para qualquer militar. Na Marinha do Brasil, a iniciação esportiva começa cedo, ainda no Colégio Naval, instituição de Ensino Médio da Força, localizada em Angra dos Reis (RJ). Lá, alunos entre 15 e 18 anos, em média, aprendem a importância da

atividade física para a saúde e para a carreira militar.

De acordo com o Comandante do Colégio Naval, Capitão-de-Mar-e-Guerra Joêse de Andrade Bandeira Leandro, o esporte consegue conjugar verbos importantes na formação de uma pessoa. “Superação, espírito de equipe e respeito ao próximo

são valores que procuramos inserir na formação dos nossos alunos”. Ele explica que a atividade militar exige uma rigidez física. “Não é possível imaginar, por exemplo, uma pessoa que esteja em um navio e que não saiba nadar”, complementa.

Dessa forma, ao ingressar no CN, ainda na semana de adaptação, os



Atletismo

alunos passam por testes físicos que os direcionam para uma das equipes esportivas da Instituição. “São feitos testes com força explosiva, impulsão vertical, natação e corrida. Por meio deles, sabemos quem tem aptidão para compor as equipes do colégio que vão, futuramente, disputar as competições esportivas militares”, explica o Ajudante da Divisão de Educação Física e Esportes do CN, Primeiro-Tenente (T) Luiz Fernando Martins de Araújo, formado em Educação Física.

Os alunos que não são selecionados para compor uma das equipes frequentam o Treinamento Físico Militar diário. “Apenas cerca de 40% dos alunos ingressam nas equipes”, informa o Comandante do Corpo de Alunos, Capitão-de-Fragata Carlos Alexandre Basilio Xavier de Souza. Ele explica que a Educação Física é uma disciplina dentro do currículo do colégio, sendo exigida uma média mínima para aprovação. “O aluno que tem uma

atividade física intensa, tem um desenvolvimento intelectual melhor, é disciplinado e motivado”, destaca.

Atletismo, basquete, canoagem, esgrima, futebol, judô, natação, remo em escaler, triatlo militar, tiro, vela e voleibol são as modalidades que compõem as equipes do CN. Estão em fase de criação as equipes de remo olímpico e pólo aquático. Durante a formação militar, várias competições esportivas surgem, mas a mais importante nessa fase inicial é a NAE.

A trajetória de um militar-atleta na Marinha do Brasil tem início nessa competição. Depois, na Escola Naval (EN), os alunos disputam a NAVAMAER com a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e a Academia da Força Aérea (AFA). Vencendo, o militar participa do sulamericano de cadetes e, a partir dele, compete nos Jogos Mundiais Militares, realizado a cada quatro anos em um país diferente. Em 2011, o Rio de Janeiro sediará os 5º Jogos Mundiais Militares, que reunirá cerca de 6 mil atletas de 110 países, em 20 modalidades esportivas, sendo 11 olímpicas.



Partida de xadrez durante a NAE

ALUNOS-ATLETAS

A atividade física está presente na vida do militar desde cedo. Égon de Castro Couto, 18 anos, aluno do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Naval, começou a praticar a natação aos três anos de idade. Na adolescência, aos 14 anos, incentivado por um professor que apostava em seu potencial, começou a treinar para provas de travessia, onde disputou algumas competições, como a Travessia dos Fortes, no Rio de Janeiro, em 2006.

No CN, ainda no 1º ano, passou a integrar a equipe de natação e hoje é um dos destaques da modalidade, que conta com mais 16 alunos em seu quadro de atletas. “Nadar é a minha grande paixão. O esporte é um grande aliado no meu desenvolvimento intelectual”, conta ele, que treina diariamente.

Com a rotina pesada de estudos do CN, que começa às 7h15 e só termina às 22h, o aluno Giovani Suminsky Pieta, 18 anos, estudante do 2º ano, encontrou no triatlo militar o descanso e a inspiração para as horas que precisa se dedicar aos livros. “Falamos


aqui que nosso lazer é o esporte. É uma pausa para a rotina de estudos”. Antes de ingressar no CN, praticava vôlei e corrida. Agora, compõe a equipe de um esporte ainda desconhecido para alguns. O triatlo militar

“Superação, espírito de equipe e respeito ao próximo são valores que procuramos inserir na formação dos nossos alunos”.

Comandante do Colégio Naval, Capitão-de-Mar-e-Guerra Joése de Andrade Bandeira Leandro

é integrado por três modalidades: o *cross country*, a natação utilitária e o lançamento de granadas. De olho no futuro, o rapaz já pensa em compor a equipe de pentatlo militar na Escola Naval, daqui a pouco mais de um ano.

Incentivado por amigos, aos 12 anos de idade, Ricardo Fandiño Martínez dos Santos, hoje com 19 anos, começou

a praticar o judô em uma academia de Araruama (RJ). Aluno do 3º ano do CN, hoje faixa marrom no esporte, faz parte da equipe de 20 alunos-atletas da instituição de ensino. Os treinos são diários e a dedicação tem que ser grande. Como resultado desse esforço, ele já obteve várias medalhas, entre elas a de prata, conquistada na NAE deste ano na categoria leve (acima de 66 quilos a 73 quilos). “Gosto do judô porque é um esporte que traz disciplina e concentração”, conclui o aluno 



Aluno Fandiño

Tatiana Lemos e Fernanda Alvarenga, militares-atletas, se preparam para os 5º Jogos Mundias Militares

As entrevistadas da 3ª edição da Marinha em Revista são duas militares-atletas com passagens pela Seleção Brasileira de Natação



Hoje, pertencentes ao quadro de atletas da Marinha do Brasil, se prepararam para disputar os 5º Jogos Mundias Militares – os Jogos da Paz –, a serem disputados na cidade do Rio de Janeiro, no período de 16 a 24 de julho de 2011.

Os Jogos da Paz, como também são conhecidos, serão o maior evento esportivo militar já realizado no Brasil, que reunirá cerca de 8 mil participantes. Participarão aproximadamente 6 mil atletas e 2 mil delegados vindos de mais de 100 países, com 20 modalidades esportivas, algumas inéditas em jogos mundias militares, como o vôlei de praia – em caráter de demonstração. O Brasil deverá participar com 250 atletas e estará representado em todas as modalidades.

A nadadora Tatiana Lemos de Lima Barbosa, mais conhecida como Tatiana Lemos, de 31 anos, nascida em Brasília, é atualmente uma das principais atletas do País, integrante da Seleção Brasileira Olímpica de natação. Tatiana detém atualmente nove recordes brasileiros e sul-americanos, sendo três em provas individuais e seis em provas de revezamento.

Entre suas principais conquistas, destaca-se a sua participação em duas edições dos Jogos Olímpicos: Atenas (2004) e Pequim (2008). E, recentemente, a participação na final no Campeonato Mundial de Natação em Roma (2009), no revezamento 4x100 medley. A essas conquistas somam-se, também, diversas medalhas em campeonatos internacionais. Entre as principais, cinco em Jogos Pan-Americanos (Winnipeg/1999, Santo Domingo/2003 e Rio/2007), 24 em Campeonatos Sul-Americanos, oito em etapas da Copa do Mundo e, ainda, uma medalha na Copa Latina de Natação. Além disso, é uma das atletas com o maior número de medalhas em Jogos Pan-Americanos da história da natação feminina.

Integrante da Seleção Brasileira Militar no Campeonato Mundial Militar, disputado este ano, em Warendorf (Alemanha), a atleta foi campeã nos 100m livre e vice-campeã nos 50m e 200m livre, subindo ao pódio em todas as oito vezes em que disputou medalhas.

A outra militar-atleta com quem conversamos foi Fernanda Alvarenga,

de 24 anos, também nascida em Brasília. Recordista brasileira e sul-americana nos 200m costas, Fernanda também faz parte da Seleção Brasileira de Natação e é, hoje, uma das maiores revelações da natação brasileira.

Tricampeã sul-americana, a nadadora foi medalhista de ouro nos 200m costas no 43º Mundial de Natação Militar, disputado na Alemanha. A atleta conquistou, também, a medalha de prata nos 100m costas e a de bronze, nos 50m costas.

Tatiana, você é uma das atletas mais experientes da Seleção Brasileira de Natação, já tendo disputado Jogos Olímpicos, Pan-Americanos e diversas outras competições internacionais. Há quanto tempo está na seleção e qual você considera seu melhor resultado?

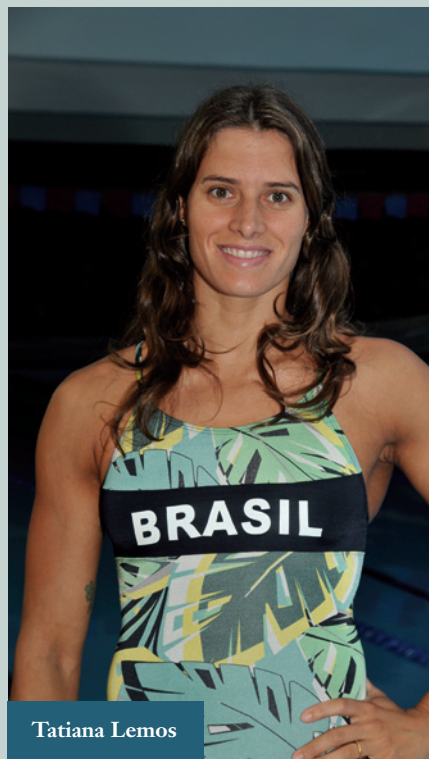
Minha primeira convocação para a seleção brasileira foi em 1997. De lá para cá, não participei de dois ou três anos mas, em todas as outras, sempre estive presente. Já são praticamente 13 anos de seleção brasileira.

Em relação ao melhor resultado... é difícil falar de melhor resultado porque a gente passa por tantas coisas, mas

eu acho que a primeira vez que eu bati um recorde sul-americano, em 1997, no Troféu José Finkel, no Rio de Janeiro, na piscina do Júlio Delamare, foi muito especial para mim. Foi um resultado que eu não esperava. Eu não imaginava chegar aonde cheguei na natação quando eu comecei a nadar. Tanto é que, quando obtive essa conquista, eu criei uma barreira. Fiquei quatro anos para melhorar esse tempo de novo. Foi tão forte que acabou me atrapalhando um pouco. Depois venci essa barreira e venho quebrando recorde atrás de recorde.

E você Fernanda, qual o seu melhor resultado?

Venho participando da seleção desde 2006, mas ainda não fui a mundial e olimpíada, mas fui no pan-americano, em 2007. Minha maior marca foi quando eu bati o recorde sul-americano dos 200m costas, no final de 2008, em Florianópolis, no campeonato brasileiro



Tatiana Lemos

absoluto. Foi uma competição em que me superei, não estava tão bem fisicamente, tinha tido uma sinusite, mas bati o recorde por um centésimo, o que me deu um alívio e uma felicidade enorme.

Como começaram a nadar e quando perceberam que seriam atletas profissionais?

Tatiana - Comecei a nadar com cinco anos, quando morava no Rio de Janeiro. Meu pai é do Exército, então comecei a nadar no Forte da Urca, onde morávamos. Aprendi a nadar ali, na piscina do forte. Minha irmã mais velha também nadava e foi nadar no Botafogo. Eu achava legal e pedi para meu pai também me colocar no Botafogo. Aí eu fui para a escolinha e o professor já me colocou na equipe - na época era mirim. Isso com 9 anos.

Meu pai sempre viajava e foi transferido para Brasília em 1992. Acabei ficando. Eu treinava muito, me dedicava, mas somente percebi que viraria profissional em 1996, 97, quando consegui um patrocinador e vi que já dava para pagar as minhas contas. Eu sempre fui apaixonada pela natação. Na escola e na faculdade sempre levei a natação super à sério. Eu já me comportava como profissional, competia, mas não recebia, meus pais é que bancavam. Eles é que pagavam tudo, viagens, treinamento.

Sempre tive um sonho de ir para uma olimpíada, ser uma atleta olímpica e viver do esporte, mas isso somente se concretizou em 1997 e consolidei em 1999, quando comecei a nadar pelo Vasco da Gama, mesmo morando em Brasília. Aí, eu comecei a ganhar um dinheiro e, com 19 anos, fui morar sozinha. Foi aí que percebi que

financeiramente eu teria condições de ser uma atleta de verdade. Mas, sentimentalmente, desde criança, sempre soube que eu queria ser isso.

Fernanda - Comecei a nadar com sete anos aqui em Brasília e entrei na natação porque minha irmã mais nova adorava uma piscina e minha mãe morria de medo que ela se afogasse. A minha avó tinha uma piscina, então minha mãe me colocou por causa disso. Fui me destacando e fui gostando. Estava em uma academia e o técnico disse que ali eu não evoluiria mais. Me dei conta que seria profissional quando comecei a nadar pelo Pinheiros, em 2002, com 16 anos. Morei em república, em São Paulo, com mais cinco atletas. Naquele ano, fui pela primeira vez campeã absoluta. Aí é que eu comecei a pensar em ir a um sul-americano, pan-americano e uma olimpíada.

Como souberam da oportunidade de ingressar na Marinha?

Tatiana - Fiquei sabendo pelo meu clube, o Esporte Clube Pinheiros. Na época, eles me mandaram um e-mail informando que teria um edital para atletas, visando os Jogos Mundiais Militares de 2011. Achei que era uma oportunidade e fui atrás. Entrei para a Marinha em 2009.

Fernanda - Eu também fiquei sabendo pelo clube, na época, o Minas Tênis. Tanto que tem mais quatro atletas que eram do clube e são da mesma turma da Marinha do Brasil.

O que mudou ao entrar para a Marinha do Brasil?

Tatiana - A Marinha do Brasil veio nos auxiliar no sentido de termos uma condição melhor de destinar tempo e dinheiro para nossa preparação.



Fernanda Alvarenga

Temos que investir em academia, *personal trainer*, nutricionista, treinador, tudo voltado para termos o melhor rendimento nas competições. Na Marinha, temos uma tranquilidade maior.

Mas acho que, independente da parte financeira, para mim é motivo de alegria estar na Marinha. É uma oportunidade para poucos. É uma oportunidade de estar servindo ao País de uma outra forma. É uma experiência de vida, que soma e é super válido.

Como é a rotina de treinamento?

Tatiana - Temos o nosso técnico aqui em Brasília, o Antonio Henrique, e quando vamos a alguma competição militar temos os técnicos da Força. Os treinadores se comunicam direto para trocar informações, saber o que nós estamos fazendo, verificar em que fase do treinamento estamos. Cada atleta faz um treinamento diferente. Se juntassem todos os atletas, ficaria inviável treinar todos,

porque cada um está em uma fase, com uma programação. Acredito que esta é a melhor forma.

Fernanda - Em média, nosso treino gira em torno de cinco, seis horas, treino físico mesmo, na piscina e fora d'água, como musculação, por exemplo. Fora a fisioterapia, massagem e outras atividades, que vão agregando ao tempo total de treinamento.

Qual foi a reação dos amigos e familiares quando entraram para a Marinha?

Fernanda - Minha mãe e meu pai ficaram muito orgulhosos por estarmos representando o Brasil de outra forma, por estar ajudando a representar o País. Na minha família, não tem militares, apenas amigos. Meus primos ficam brincando comigo. Eu chego em um evento de família e meus primos ficam prestando continência. Isso é muito legal.

Tatiana - Todo mundo (amigos) tem curiosidade e fica perguntando. O leque de pessoas que convivem com a gente é muito grande e nós temos a oportunidade de mostrar como é legal estar na Marinha do Brasil.

Qual a expectativa para os 5º Jogos Mundiais Militares?

Tatiana - A expectativa para os Jogos é a melhor possível. É nadar e pensar na medalha de ouro. Os países vão querer mandar os melhores e acho que eles ainda vão recrutar atletas.

Fernanda - Vou treinar para fazer parte da seleção de militares que participarão dos Jogos e penso também na medalha de ouro. Ainda haverá uma seletiva para os atletas.

Quais são os seus ídolos no esporte?

Tatiana - Parece simples mas é muito difícil essa pergunta...

Fernanda - Acho que ídolo nem sempre é aquela pessoa que é campeã mundial, mas acho que o que conta são as atitudes que a pessoa tem, como lida com as dificuldades do dia-a-dia. Desde quando comecei a conviver com a Tati, eu a tenho como inspiração, eu a admiro muito.

Tatiana - São tantas pessoas que nos influenciam no esporte, mas se fosse escolher uma pessoa eu escolheria o Gustavo Borges. Eu me lembro muito bem de 1992, nas olimpíadas. Assistia com o meu pai e vi um brasileiro ganhar uma medalha de prata. Um brasileiro, na prova que eu mais gostava. Depois, acabei treinando junto com o Gustavo e vi a dedicação e o profissionalismo dele. Ele fez por onde.

Novos sonhos e objetivos?

Tatiana - O que move o atleta são os seus objetivos. A partir do momento que não tenho mais objetivo não há porque treinar seis horas, por dia. Já participei de duas olimpíadas e três jogos pan-americanos. Mas o que eu quero mesmo é ter uma medalha dos jogos olímpicos.

Fernanda - Primeiro uma medalha pan-americana. Depois, uma mundial e uma olímpica 🏹



RIO 2011
5º JOGOS MUNDIAIS
MILITARES DO CISM



Assistência Social na Marinha

Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto – Comandante da Marinha

O bem-estar da Família Naval, em todo o País, é incentivado pela Marinha do Brasil, com um trabalho permanente de Assistência Integrada para prestar um atendimento abrangente e direcionado às diversas necessidades apresentadas pelos militares e servidores civis, ativos e inativos, dependentes e pensionistas.

A Marinha possui 12 Programas Sociais: Assistência Financeira; Educacional; Orientação Social; Empréstimo Financeiro; Apoio ao Paciente Internado ou Convalescente; Movimentação e Remoção por Motivo Social; Atendimento Especial; Prevenção à Dependência Química; Maturidade Saudável; Qualidade de Vida; Atendimento Social aos Militares em Missões Especiais e às suas Famílias; e Preparação para a Reserva e Aposentadoria. Os propósitos desses programas, bem como seus procedimentos, estão articulados com Políticas Sociais existentes sobre esses temas.

O trabalho realizado, hoje, possui ênfase na prevenção, tendo como base ações socioeducativas estruturadas para fortalecer o processo de desenvolvimento pessoal, social e familiar, visando minimizar a ocorrência de situações sociais adversas, bem como contribuir para o reestabelecimento do equilíbrio


psicossocial daqueles que, porventura, necessitem. Para que a abrangência das ações de assistência social esteja ao alcance de toda a Família Naval, torna-se necessário ampliar a divulgação interna dos serviços oferecidos, tornando o acesso aos mesmos cada vez maior e facilitado. Todo processo é acompanhado de avaliação e monitoramento, de forma a tornar conhecido o seu alcance social e a sua eficácia.

Assim, em agosto, a Diretoria de Assistência Social da Marinha realizou o 3º Festival “Âncora Social”, na cidade do Rio de Janeiro, com o propósito de divulgar e facilitar o acesso de Praças, Servidores Civis assemelhados e dependentes aos serviços prestados pela Marinha, incluindo a realização daqueles considerados essenciais, tais como: identificação; cadastramento; e medição de pressão arterial e de glicemia.

Ainda em busca da ampliação da divulgação das atividades de Assistência Social na Marinha, foi lançada, no final de 2008, com periodicidade anual, a Revista Âncora Social – a revista do bem-estar social da Marinha –, que tem como propósito, também, integrar e incentivar a troca de experiências entre toda a Família Naval. Em sua terceira edição, a revista firmou-se como um eficiente veículo multiplicador de

ações, face à visibilidade que trouxe às ações empreendidas por todas as regiões do País, em prol da qualidade de vida de nosso pessoal e familiares.

Quanto à Assistência Integrada, as ações priorizaram, em 2010, a divulgação dos projetos e serviços oferecidos, tais como: o estímulo à produção de trabalhos científicos; o aumento expressivo no número de convênios para descontos nas mensalidades em instituições de ensino em todo o Brasil; e a reestruturação de projetos sociais do Abrigo do Marinheiro, especialmente aqueles voltados para o público jovem, como o Projeto Adolscer, que visa aproveitar o tempo ocioso de adolescentes, na faixa etária dos 12 aos 17 anos, auxiliando-os no desenvolvimento de atividades escolares.

Não poderia deixar de dizer algo a respeito das “Voluntárias Cisne Branco” (VCB) - associação de esposas de Oficiais, Praças e Servidores Civis da Marinha –, que, por meio de ações complementares àquelas desenvolvidas pelos Serviços de Saúde e Assistência Integrada da Marinha, vêm demonstrando ser um importante instrumento de auxílio aos mecanismos sociais da Marinha, as quais, com muito carinho e disponibilidade, dedicam parte de seu tempo a melhorar a qualidade de vida do nosso pessoal 



Vida de Herói

Por Vice-Almirante Armando de Senna Bittencourt

No dia 13 de dezembro, comemora-se o Dia do Marinheiro. A data foi escolhida em 1925, pelo então Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar, em homenagem ao Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré, Patrono da Marinha, que nasceu nesse dia, no ano de 1807. Abaixo, um breve histórico de seus feitos.

Joaquim Marques Lisboa nasceu em 13 de dezembro de 1807. Seu pai era o Patrão-Mor de Rio Grande, quase no extremo Sul do País. Desde cedo, Joaquim esteve muito próximo do mar e se habituou à cultura dos marinheiros. Mais tarde, foi estudar no Rio de Janeiro, onde viveu na casa de uma irmã mais velha, que era casada e morava nessa cidade.

Em 1822, ocorreu a Independência do Brasil. Logo, o Governo começou a recrutar pessoas e, também, a contratar estrangeiros para tripular os navios da nova Marinha. Ela se formara da parte da Marinha

de Portugal que aderira à causa do Príncipe D. Pedro e a maioria dos Oficiais e Praças era de portugueses. Joaquim, apesar de muito jovem, foi um dos brasileiros voluntários.

Sob o comando do Almirante Thomas Cochrane, um dos estrangeiros contratados, a Esquadra brasileira, em 1823, efetivou o bloqueio de Salvador, onde estava abrigada uma Força Naval portuguesa. Joaquim, então com 15 anos de idade, exercia as funções de auxiliar do encarregado de navegação da Fragata “Niterói”, cujo comandante era um britânico, o Capitão-de-Fragata John Taylor.

Quando os portugueses foram expulsos da Bahia, em 2 de julho desse mesmo ano, coube à “Niterói” acompanhar a Força Naval portuguesa. Perseguiu-os até a entrada de Lisboa, aprisionando 18 dos navios que ficaram para trás. Esse episódio serviu como um bom começo para a carreira de Joaquim Marques Lisboa na Marinha.

No curto período de paz que se sucedeu às lutas da Independência, Joaquim ingressou na Escola Naval, mas, menos de um ano depois, voluntariou-se para combater a “Confederação do Equador”, em Pernambuco. Embarcou, em seguida, na “D. Pedro

I”, Capitânia da Esquadra, e participou da ação para debelar essa revolta.

Pouco tempo depois, em 1825, o Brasil entrou em guerra com as Províncias Unidas do Rio da Prata, atual Argentina, que pretendia anexar a Província Cisplatina, até então, parte do território brasileiro, que se revoltara. O conflito, denominado “Guerra Cisplatina”, prolongou-se até 1828 e teve como desfecho uma arbitragem externa, que deu a independência ao território que hoje é o Uruguai.

Ocorreram muitos combates navais nessa guerra e o Tenente Joaquim Marques Lisboa destacou-se por sua coragem e liderança em vários deles. Participou, em 1826, do “Combate de Colares”, embarcado na Barca “Leal Paulistana”. Logo depois, destacou-se novamente, desta vez, a bordo da Fragata “Niterói”. Ainda nesse ano, como reconhecimento por seu notável desempenho, foi designado para comandar a Escuna “Constança”. Tinha, então, 18 anos! Perdeu, no entanto, a “Constança” no ataque que uma Força Naval brasileira fez, em 1827, à localidade de Carmem de Patagones (Argentina), no Rio Negro, com o intuito de destruir uma base de corsários das Províncias Unidas do Rio da Prata. A ação desses corsários prejudicava seriamente o tráfego marítimo na costa do Brasil. Tornou-se, então, prisioneiro dos argentinos, juntamente com os outros tripulantes dos navios dessa Força Naval, que sobreviveram aos combates em terra, após o desembarque efetuado.

Quase um mês depois, os prisioneiros embarcaram, em grupos separados, em vários navios, para serem transferidos por mar, para outro local. O Tenente Marques



Lisboa estava no Brigue “Anna”. Durante a noite, ajudado por outros brasileiros, ele conseguiu libertar os prisioneiros que estavam no porão e tomar o “Anna”. Em seguida, com o navio completamente às escuras, tratou de se afastar e, depois, de rumar para Montevidéu.

Após seu regresso, tornou-se um dos Oficiais da Corveta “Maceió”. Nela, participou de um novo ataque ao território argentino, dessa vez à Baía de San Blas, onde se tinha notícias de navios corsários realizando manutenção. Novo fracasso, desta vez causado pelo desconhecimento da hidrografia do lugar. A “Maceió” encalhou e acabou partindo ao meio por ação do mau tempo. Para escapar de nova prisão, Marques Lisboa nadou até outro navio brasileiro, que o levou para Montevidéu.

Foi promovido à Primeiro-Tenente em outubro de 1827. Pouco

tempo depois, assumiu seu segundo comando, o da Escuna “Bela Maria”. Nela, realizou o feito mais notável de sua juventude, quando combateu e obteve a rendição do “Ocho de Febrero”, cujo comandante era o Capitão Tomás Domingo Espora, famoso herói argentino. Nesse combate, os comandantes, brasileiro e argentino se comportaram cavalheirescamente e, ao seu término, após nove horas de canhoneio, Espora se rendeu por ter esgotado sua munição. Sua luneta, que ele ofertou a Marques Lisboa, por permitir-lhe continuar usando sua espada, está exposta no Museu Naval, no Rio de Janeiro.

Assim, Joaquim Marques Lisboa iniciou sua “vida de Herói”. Não lhe faltaram oportunidades de grandes aventuras. O período de tempo em que viveu coincidiu com o da formação do Brasil, em que ele e outros militares, diplomatas e estadistas de seu tempo, venceram as dificuldades e asseguraram a grande herança recebida pelas gerações atuais de brasileiros - um País grande e rico -, que é habitado por um povo que compartilha um único idioma e cultura.

Algum tempo depois de sua morte, que ocorreu aos 89 anos de idade, o Almirante Marques Lisboa, enobrecido em vida pelo Império, com o título de Marquês de Tamandaré, tornou-se o Patrono da Marinha do Brasil ⚓





Testamento do Marquês de Tamandaré

“Exijo que meu corpo seja vestido somente com camisa, ceroula e coberto com um lençol, metido em um caixão forrado de baeta, tendo uma cruz na mesma fazenda, branca, e sobre ela colocada a âncora verde que me ofereceu a Escola Naval em 13 de Dezembro de 1892, devendo-se colocar no lugar que faz cruz a haste e o cepo um coração imitando o de Jesus, para que assim ornado signifique a âncora-cruz, o emblema da fé, esperança e caridade, que procurei conservar sempre como timbre dos meus sentimentos. Sobre o caixão não desejo que se coloque coroas, flores nem enfeites de qualquer espécie, e só a comenda do cruzeiro que ornava o peito do Sr. D. Pedro II em Uruguaiana, quando compareceu como primeiro dos voluntários da pátria para libertar aquela possessão brasileira do jugo dos paraguaios que a aviltavam com sua pressão; e como tributo de gratidão e benevolência com que sempre me honrou e da lealdade que constantemente a S.M.I. tributei, desejo que essa comenda relíquia esteja sobre meu corpo até que baixe à sepultura.

Exijo que não se façam anúncios e nem convites para o enterro de meus restos mortais, que desejo sejam conduzidos de casa ao carro e deste à cova por meus irmãos em Jesus o Cristo que hajam obtido o foro de cidadãos pela Lei de 13 de Maio. Isto prescrevo como prova de consideração a essa classe de cidadãos em reparação à falta de atenção que com eles se teve pelo que sofreram durante o estado de escravidão; e reverente homenagem à grande Isabel Redentora, benemérita da pátria e da humanidade, que se immortalizou libertando-os.

*Exijo mais, que meu corpo seja conduzido em carrocinha de última classe, enterrado em sepultura rasa até poder ser exumado, e meus ossos colocados com os de meus pais, irmãos e parentes, no jazigo da família Marques Lisboa. Como homenagem à Marinha, minha diletta carreira, em que tive a fortuna de servir à minha pátria e prestar alguns serviços à humanidade, peço que sobre a pedra que cobrir minha sepultura se escreva:
Aqui jaz o velho marinheiro”.*

Joaquim Marques de Lisboa



SÃO PEDRO DA ALDEIA - 99,1 MHz

CORUMBÁ - 105,9 MHz

www.mar.mil.br





Centro de Comunicação Social da Marinha
www.mar.mil.br